

EXTREMOS QUE SE TOCAM

MOBILISMO E FIXISMO:

B.B. de Brito Neves

Uma das poucas vantagens de adentrar nos anos, entre tantas mentiras deslavadas pregadas ("... a vida começa aos 40!"), é a possibilidade de adquirir certa perspectiva de vida, dos homens, das coisas, que só é inata aos gênios. Em particular, quero falar de coisas das geociências do alto (ou baixo?) do patamar acanhado de meus trinta anos de vivência, gozo e sofrimento.

As geociências estão marcadas de forma inalienável por duas características: um desenvolvimento histórico sob as luzes do debate de teorias conflitantes (no âmbito geral) e os modismos (no dia a dia).

Para não retroagir muito, ao longo de mais de um século (1860-1970) todos os ramos das geociências, entre puros e aplicados, se estribaram na Teoria Geossinclinal, por suas várias escolas e linguagens. Mas, sempre houve antagonismos no ar (deriva continental wegeneriana, correntes de convecção, etc.)

A partir dos anos 60 implantou-se gradativamente o antagonismo da Teoria de Tectônica de Placas, então pregada como quintessência do conhecimento científico e panaceia de todos os problemas geológicos irresolútos. Tudo na base do que "cesse tudo que a antiga musa canta...". Antagonismo que chegou à extremos de rivalidade, tratamento irônico e pejorativo para aqueles que mantivessem algum vínculo com a Teoria Geossinclinal, passado recente e "obsoleto".

Mobilismo / mobilista passou a ser status decisivamente "in", típica dos noveis e exibidos. E o termo fixista cunhado pelos mobilistas como forma depreciativa e aviltante para aqueles míseros incapazes de enxergar/acertar o novo. Fixista passou a sinônimo de seres inferiores e totalmente "out". Acrescente-se a isto os ingredientes naturais de novo x velho, litígios científicos internacionais, rivalidades políticas, e se tem uma idéia do quadro perdurante nas décadas de 60 e 70.

Se no atacado isto sempre aconteceu, no varejo vivemos vários modismos, febres e febrículas, tão marcantes quanto efêmeros, tão incomodativos como, de certa forma, propulsores do debate e do progresso do conhecimento. Importados sobretudo, de um modo (leitura, viagem) ou de outra (imposição de devaneadores e utopistas aqui visitantes, pura imitação de moda na matriz cultural), este varejo quase sempre deixou sequelas, mas forjou o progresso do conhecimento. Tudo passa.

Exemplos de modismos são muitos, como: a granitização/sienitização de rochas máficas, as seqüências sedimentares geossinclinais, a classificação de migmatitos de Jung e Rocques, o modelo de Moodye Hill; os cinturões móveis do padrão Anhaeusser, a febre dos F1, M1, G1... Fm Mn Gn, a Geocronologia de reconhecimento substituindo o conhecimento geológico, o zircão como chave mágica de todos os granitos e processos tectônicos, etc. Deixando ou não sequelas, todos estes estágios febris passam ou passarão como

ondas e as geociências caminham com algum progresso auferido, pronto para novos sintomas.

No quadro clínico mais geral, verifica-se nos anos 80 que os extremos que marcaram o debate do século (Teoria Geossinclinal e Tectônica de Placas) começam a se avistar.

É possível uma ponte entre a riqueza e a espontaneidade da nomenclatura fixistas (que? onde?) com os compromissos físicos e químicos (que? onde? como? por que?) das designações mobilistas. Alfred Kröner, em 1977, vislumbrou que todos os obstáculos a este encontro são artificiais. A ponte entre os ancoradouros fixistas e mobilistas será tarefa difícil e demorada, mas é viável. Só paciência e tempo, e avanço no conhecimento científico debelarão esta saga de debates e forjarão estes esponsais entre filhos de rivais para um final não shakespeariano. Revendo as publicações dos anos 80, é preciso preparar corações e mentes para as mudanças em processo, no atacado das teorias.

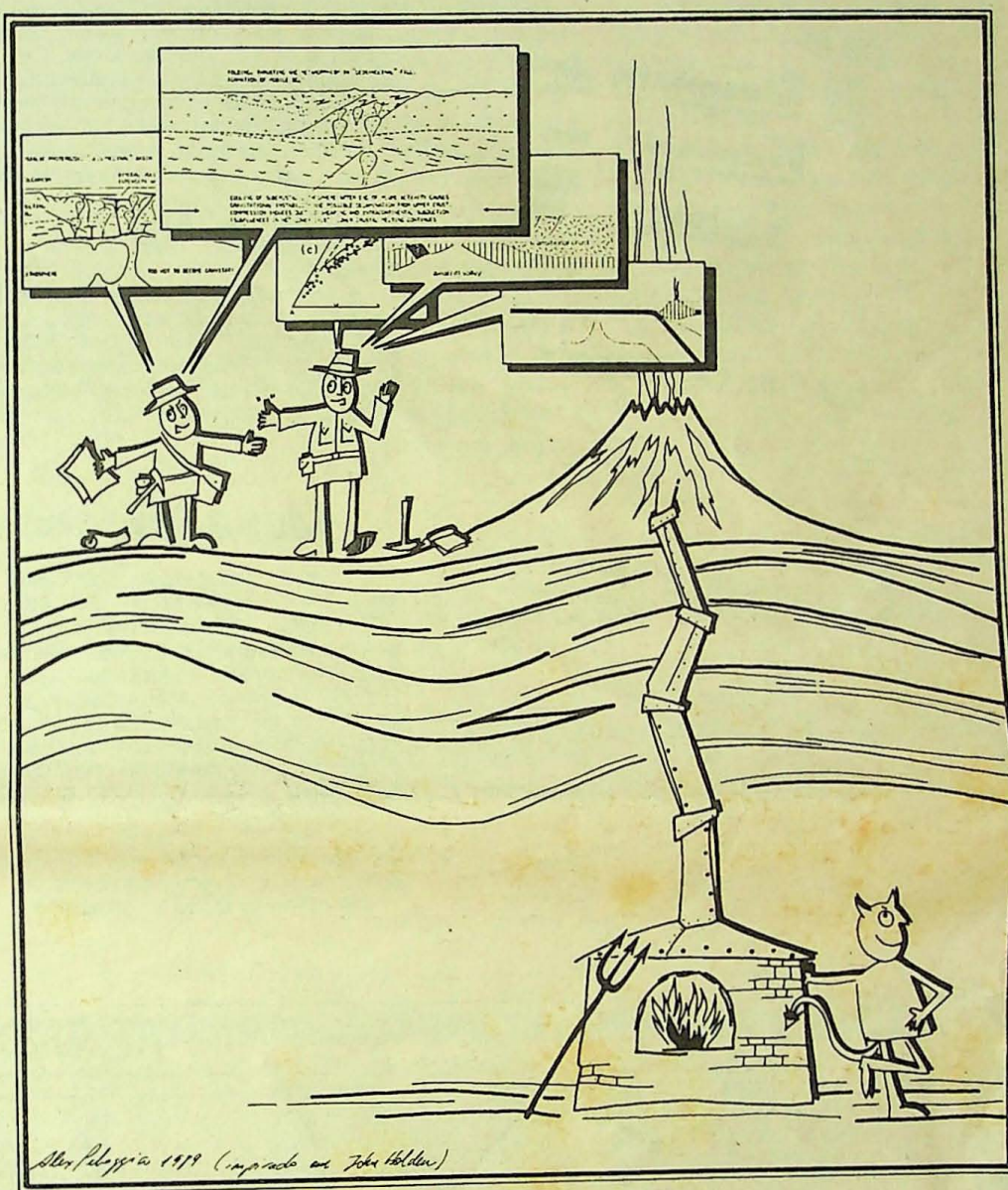
Os cratons voltaram a ser reconhecidos como **cratons** (ou "foreland"), ou como placas/restos de **placas continentais**. A coerência e rigidez desses cratons vão depender de suas dimensões e das injunções dos processos tectônicos as suas proximidades, havendo por conseguinte exemplares menos (**ortoplatas**) e mais (**paraplatas**) susceptíveis à mobilidade tectônica.

Os processos tectônicos usuais de acreção, transformância e convergência (colisão continente-continente, colisão continente-oceano) são hoje reconhecidos como capazes de produzir continente (craton) a dentro uma série de processos tectônicos, com sedimentação e magmatismo associados. Em outras palavras, a "reativação tectônica reflexa" dos fixistas tem hoje reconhecimento unânime, sob novas vestes, e até mesmo sem alusões à sua designação fixistas, consoante o eufemismo de **processos de litosfera ativada**.

O processo intracratônico, provavelmente situado sob astenólitos do manto, que produzem rifteamento, magmatismo bimodal e sedimentação clástica importantes, e aparentemente sem causa ou de causa desconhecida ("reativação autônoma") passaram a ser encarados ultimamente pelos expoentes da escola mobilista. São os riftes de manto ativado, na ciranda das designações plaquistas.

Na mesma linha, os "maciços marginais" ou "bordas retrabalhadas dos cratons" não encontram mais resistência (embora não encontrem designação) como conceito a ser introduzido nos umbrais mobilistas. Até porque, tanto na acreção como na convergência e na transformância é na periferia das placas continentais que se reconhece a maior intensidade dos processos tectônicos e (de litosfera ativada) magmáticos auferidos de injunções externas.

No tocante às massas sílicas ("maciços medianos") que ramificam as regiões de dobramentos, que fo-



ram assuntos proibidos ou intocáveis na seara mobilista, há vários trabalhos recentes reconhecendo a importância desses blocos litosféricos especiais. Só que ao invés do simplismo fixista, **pequenas placas, microcontinentes, terrenos suspeitos** e até mesmo **arcos magmáticos** vêm sendo identificados (a nível de litosfera), abrindo amplo leque de opções para os responsáveis pela ramificação e o caráter de mosaico complexo de muitas regiões/sistemas de dobramentos, do Proterozóico e do Paleozóico. Tudo isto está acontecendo e tem acontido sem uma referência sequer às designações fixistas preexistentes.

Os sistemas de dobramentos marginais (a "quartzito/diamictito-carbonato-folhelhos/turbiditos") eram exaustivamente discutidos na escola sino-soviética, e reconhecidos de há muito na escola Kober-Stillé-Aubouin (ou da Europa Ocidental) como **miogeossinclinais**. No início dos anos 70 apareceram na literatura americana os primeiros termos afins ("miogeossinclinais", "cunhas miogeoclinais"), mais voltados à conotação paleogeográfica. Nos anos 80 é considerável o acervo de trabalhos e citações aos "thrust-

and-fold belts", procurando cobrir com esta designação além da conotação paleogeográfica (antigas margem continentais passivas) a estruturação adquirida, com dobras e falhas destacadamente vergentes ou até descoladas no sentido do antepaís.

Os sistemas de dobramentos distais ou vulcano-sedimentares passaram a ser reconhecidos, com grande variedade de "tectonic settings", e sem a necessidade/premência de identificação de antigos fundos oceânicos associados. Nem toda zona de internides precisa estar vinculada a vastas aberturas oceânicas. Ou seja há mais variedade de zonas paleogeográficas (como antevista por Khain e Scheinmam em 1960) nas faixas de dobramento do que supunham alguns fixistas (eu-miogeossinclinais) e a maioria dos mobilistas de primeira fornada. As zonas de "hinterland" dos modernos mobilistas correspondem aos internides e as faixas distais de toda uma geração de fixistas. E, novamente, como sempre, a ponte existe, sem ser mencionada, e a alusão ao abismo conceitual dos anos 60, jamais!!!

Muitas vezes é preciso recorrer ao Livro do Eclesiastes (1:10):... Não há nada de novo de baixo do sol...!